

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

**GISLAINE CARDOSO AGUIAR**

**A TIMIDEZ NO CONTEXTO ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE ESTA  
CARACTERÍSTICA DA PERSONALIDADE HUMANA NA ESCOLA.**

Três Cachoeiras  
2010

**GISLAINE CARDOSO AGUIAR**

**A TIMIDEZ NO CONTEXTO ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE ESTA  
CARACTERÍSTICA DA PERSONALIDADE HUMANA NA ESCOLA.**

Trabalho de Conclusão apresentado à  
Comissão de Graduação do Curso de  
Pedagogia – Licenciatura à Distância, da Faculdade de  
Educação da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, como requisito parcial e  
obrigatório para obtenção do título  
Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:**  
**Profa. Dra. Dóris Bittencourt Almeida**

**Tutora:**  
**Prof<sup>a</sup>. Márcia Caetano Costa**

Três Cachoeiras  
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**Reitor** : Prof. Carlos Alexandre Netto

**Vice-Reitor**: Prof. Rui Vicente Oppermann

**Pró-reitora de Graduação**: Prof<sup>a</sup> Valquiria Link Bassani

**Diretor da Faculdade de Educação**: Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD**: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

*A minha mãe Zeli pela coragem e determinação  
com que enfrenta a vida.*

*Ao Celi, meu esposo, amigo e companheiro  
de toda a caminhada.*

*Ao meu filho, Alisson, que me dá a inspiração necessária  
para continuar lutando pela conquista de meus objetivos.*

*Aos meus colegas e amigos de curso pelo privilégio  
da convivência e da possibilidade de estar sempre aprendendo.*

Conheças todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.

Carl Gustav Jung

## RESUMO

O presente trabalho reflete o significado do termo 'timidez' e discute à luz de autores como Vygotsky e Carl Gustav Jung, como ocorre a aprendizagem para diferentes indivíduos.

Vygotsky traz a contribuição da Psicologia Sociointeracionista, onde atribui às interações sociais entre os sujeitos, função fundamental para a construção de conhecimentos e da própria consciência. E Carl Gustav Jung através do seu estudo sobre os Tipos Psicológicos, traz a concepção de cada sujeito possui sua própria maneira de aprender, determinada pelo tipo de personalidade que possui.

Assim, neste estudo investiga-se a possibilidade de existir relação entre timidez e aprendizagem; e, sugere-se, por fim, meios de a escola auxiliar seus alunos tímidos a se sentirem mais seguros na sala de aula.

A pesquisa apoiou-se em entrevista realizada com alunos de uma turma de 8ª série de uma escola pública estadual do município de Três Cachoeiras, onde buscou-se identificar, quais indivíduos possuíam traços de timidez, em que momentos se sentiam mais retraídos e se acreditavam haver relação entre timidez e aprendizagem. Os dados coletados foram registrados em diários de campo e sujeitos à análise e reflexão. A partir da pesquisa de campo, foram levantadas categorias de comportamentos dos alunos no espaço escolar.

Analisando tais categorias e refletindo sobre o comportamento destes alunos, conclui-se que apesar do aluno tímido por vezes se esquivar de atividades escolares, esta atitude não compromete a sua aprendizagem uma vez que estará agindo sobre o objeto de estudo mentalmente através da reflexão. Conclui-se também que a escola pode auxiliar seus alunos tímidos através da viabilização de atividades onde este aluno possa expressar-se naturalmente e consiga experimentar de suas reais capacidades a fim de superar as barreiras impostas pela timidez.

**Palavras-chave:** Timidez. Aprendizagem. Interação social. Tipologia.

## **ABSTRACT**

This work reflects the meaning of the term 'shyness' and discusses the light of authors such as Vygotsky and Carl Gustav Jung, as is learning for different individuals.

Vygotsky brings the contribution of social interactions psychology, which attaches to social interactions among individuals, a function key to building knowledge and consciousness itself. And Carl Gustav Jung through his study of Psychological Types, brings the conception of each subject has its own way of learning, determined by the type of personality you have. Thus, this study investigates the possibility of a relationship between shyness and learning, and it is suggested, finally, means that the school help their shy students feel safer in the classroom.

The research was based on interviews conducted with students in a class of 8<sup>a</sup> graders from a public school in the city of Three Waterfalls, where we sought to identify which individuals possess traits of shyness, at which they felt more withdrawn and is believed there is a relationship between shyness and learning. The collected data were recorded in field diaries and subject to analysis and reflection. From the field research were raised categories of student behavior in school. Analyzing these categories and reflecting on the behavior of these students, it is concluded that although the student shy sometimes dodging school activities, this attitude does not compromise their learning as they will be acting on the object of study mentally through reflection. We also conclude that the school can help their shy students through activities where the viability of these students may express themselves naturally and try to get their true ability to overcome the barriers imposed by shyness.

**Keywords:** Shyness. Learning. Social interaction. Typology.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1 CAPÍTULO I.....	14
1.1) O que é timidez? .....	14
1.2) Para que pesquisar sobre este assunto? .....	16
1.3) Mas, afinal, como ocorre o processo de aprendizagem? .....	19
2 CAPÍTULO II.....	28
2.1) Conhecendo a pesquisa.....	28
2.2) Aspectos metodológicos.....	28
2.3) Contextualizando a turma entrevistada .....	30
3 CAPÍTULO III.....	31
3.1 Analisando os dados coletados .....	31
4 CAPÍTULO IV .....	45
4.1 Como a escola pode colaborar para a sociabilidade dos alunos tímidos? .	45
5 CONCLUSÃO .....	48
REFERÊNCIAS .....	52
APÊNDICES.....	54
Apêndice 1 – Roteiro da entrevista.....	54
Apêndice 2 – Termo de consentimento Informado.....	55

## INTRODUÇÃO

Preocupações, baseadas em vivências pessoais e profissionais, impulsionaram a realização da pesquisa com o tema timidez. Saber de que forma ela se manifesta nas pessoas, quais os maiores desafios de um aluno tímido, as consequências que possam afetar o processo ensino-aprendizagem na construção dos conhecimentos e de que forma a escola pode colaborar para a sociabilidade destes indivíduos foram as principais questões a que me propus investigar.

A definição de timidez mais conhecida é a que se refere ao tímido como aquele que tem temor, receoso, acanhado, covarde. Pessoa que tem vergonha, sensitiva, pessoa que com tudo se melindra ou de grande suscetibilidade, aquele que facilmente se ofende. A definição de temor também é descrita no dicionário Aurélio como ato ou efeito de temer – susto, sentimento de reverencia ou respeito.

As pessoas mais tímidas tendem a supervalorizar os possíveis riscos, assim o novo e o desconhecido tornam-se assustadores. Da mesma forma, observa-se que o tímido tende a preocupar-se em passar uma boa imagem para as pessoas, tornando-se extremamente exigente consigo mesmo, apresentando por isso mais dificuldade de se relacionar e/ou expressar o que sente e o que pensa sobre as coisas.

Depois de ler muito sobre o assunto, me “alimentando” de diferentes conceitos sobre timidez, Albisetti (1998) fundamenta minhas palavras ao afirmar que ‘tímido é aquele que tem medo, medo de não agradar, medo de não corresponder ao esperado, medo de ser criticado, questionado, humilhado’.

Para melhor compreender o assunto, evoco minhas memórias, pois lembro-me que na infância e adolescência fui muito tímida e reservada e este aspecto da minha personalidade, por vezes me colocou em situações desagradáveis como: optar por não participar dos jogos nas aulas de Educação Física, não manifestar dúvida para o professor na sala de aula, isolar-me de amigas por desconfiar que estavam falando alguma coisa a meu respeito, tremer compulsivamente em apresentações orais na escola, dentre outras.

Procurava ser sempre correta nas minhas ações para não chamar a atenção de ninguém. Em discussões de grupos, raramente manifestava minhas ideias. Em

apresentações individuais de trabalho, estudava compulsivamente sobre o assunto a fim de que a minha exposição fosse clara o bastante para não despertar indagações dos colegas. E quando o trabalho era em grupo, a minha primeira atitude sempre foi perguntar quem seria o porta-voz e antecipar que eu não iria, de jeito algum, me expor na frente da turma. Odiava participar de teatros, jogos competitivos, debates...

Mas, as aulas de Educação Física eram as que mais me causavam inibição, justamente porque a exposição nesta disciplina é praticamente inevitável. Nos jogos de vôlei, procurava me esquivar dos times, e com o passar do tempo, nem ao menos era convidada pelos colegas para compô-los.

Com base em minha experiência, afirmo que o tímido vive “em alerta” para situações de exposição social. Neste caso, seria válido dizer que o tímido perde oportunidades de se aprimorar enquanto sujeito ao optar por não interagir com o/os outros, com o meio? No meu caso, em particular, minha timidez não refletiu em meu aprendizado, ao menos minhas notas mostravam que eu alcançava os adjetivos propostos para cada série. Porém, é inevitável afirmar que, a cada vez que neguei participar de algo, perdi a oportunidade de aprimorar-me mais.

A partir de minhas experiências no estágio curricular, onde deparei-me com um aluno extremamente tímido, passei a perceber em seu comportamento reservado, semelhanças com o meu quando tinha sua idade. Compreendo perfeitamente quando ganhou no jogo de Bingo e não revelou sua vitória, compreendo porque chorou quando foi colocado ao lado de sua colega para ensaio da quadrilha para Festa Junina, compreendo porque não se manifestava, não perguntava,...

É importante destacar que não descarto a possibilidade deste menino ter outros comprometimentos que não tenho como avaliar no momento, porém minha percepção e intuição indicam tratar-se de um quadro de timidez que me faz recordar da minha história e dificuldades vividas durante minha escolarização.

Durante o período em que convivi com este aluno, percebia que haviam situações durante a aula que o deixavam mais retraído. Na rotina construída pela turma, nas segundas-feiras costumávamos reservar um tempo para socialização das novidades que ocorreram no final de semana. Este era um momento crucial para Felipe (nome fictício). Desde o momento que os convidava para irem para a rodinha,

percebia a aflição do menino. É como se ele já soubesse que passaria por uma situação desagradável. Quando chegava sua vez de falar, colocava a mão na boca, direcionava seu olhar para baixo, e calava-se. Raramente ele descrevia as suas novidades, e quando a fazia, era sucinta e em voz baixinha. No meu primeiro dia de estágio, numa situação parecida, conheci esta particularidade de Felipe com a seguinte frase dita pelos colegas: “- O Felipe é assim mesmo profe, ele não fala!”

É visível que estes alunos acabam sendo rotulados por colegas e até mesmo professores desde muito cedo, o que pode favorecer para que estas crianças “incorporem” uma personalidade fraca, que ajuda a estimular o senso de inferioridade, o que resultará em muito sofrimento para esta criança.

Identifica-se que na escola há muitos casos de sujeitos que se apresentam tímidos, com dificuldade de estabelecer relações sociais com os amigos da turma, com os professores e até mesmo consigo próprios, encontrando muitas dificuldades para expressar sua maneira de ser, sentir e agir no mundo escolar.

Normalmente identifica-se que esses alunos com características mais introvertidas acabam por ser tratados com certa negligência por parte da escola, justamente pelo fato de não se manifestarem como o “aluno problema”, pelo contrário, são considerados exemplos para os demais por serem vistos como alunos “bonzinhos”, que “não dão trabalho para o professor” e por isso não recebem atenção devida por parte da escola.

Na escola contemporânea, o aluno vem sendo colocado cada vez mais como sujeito de sua aprendizagem, ou seja, como aquele que aprende junto ao outro, questionando, pesquisando, duvidando, liderando... Seguindo este pensamento, o aluno tímido, passivo por opção, poderá ter menos sucesso na aprendizagem. Assim, considero este tema bastante relevante para educadores, na medida em que as demandas da educação no século XXI, para atender a uma sociedade que exige sujeitos mais ativos, coloca os alunos em atividades onde precisam expor-se cada vez mais.

Um outro aspecto importante de ser trabalhado e discutido na escola é o fato de que os alunos tímidos são muito mais susceptíveis a sofrer agressões no ambiente escolar do que os outros. O Bullying, definido como agressão (física ou psicológica) na escola, está se tornando um episódio freqüente e preocupante para

pais e professores na medida em que afeta a integridade física e psicológica dos alunos. O fato de os tímidos, na sua grande maioria, terem número reduzido de amigos e menos relações sociais em um dado grupo, favorece para a promoção destas agressões. Além disso, por serem mais introspectivos, não costumam revidar ou reclamar.

O presente trabalho, não tem por objetivo diagnosticar possíveis causas que levam as pessoas a demonstrarem comportamentos de timidez. O que pretendo é discutir, baseando-me em entrevistas e relacionando com o que autores trazem sobre o assunto, em que medida este comportamento interfere na aprendizagem destas pessoas bem como, de que forma a escola pode colaborar para a sociabilidade destes alunos.

Como futura pedagoga e responsável pela construção individual dos conhecimentos em contextos e culturas diferentes, cabe trabalhar este tema a fim de encontrar saídas que possam ajudar os professores a adotarem condutas que venham a auxiliar seus alunos tímidos na sua escolaridade.

Assim sendo, sabendo dos prejuízos deixados pela timidez, as barreiras que cria e como ela atua de forma semelhante em todos indivíduos, cabe fazer o seguinte questionamento: Será que a escola e o ensino formal auxilia, de alguma forma, seus alunos tímidos?

Para alcançar tais objetivos, este trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica teve como referencial teórico os estudos de Lev Vygotsky e Carl Gustav Jung sobre o processo de construção de significados e conhecimentos nas pessoas bem como estudos de profissionais da área da Psicologia sobre o comportamento de tímidos. É importante destacar que neste trabalho ocupo-me das contribuições de Vygotsky e Jung de formas distintas, ou seja, Vygotsky traz a idéia de que o aprendizado e o desenvolvimento humano são frutos de experiências cotidianas, onde os sujeitos interagem, atuam sendo que esta ação pode ser física ou mental. E Jung, as considerações sobre a existência de formas distintas de aprendizagens, onde cada sujeito, através do seu tipo de personalidade se adapta para melhor reter a informação.

A pesquisa de campo utilizou como técnica de coleta de dados e entrevistas realizadas numa turma de 8ª série.

Mais adiante, apresento os dados coletados e faço as análises, procurando perceber e refletir momentos (ou disciplinas escolares) onde os alunos sentem-se mais retraídos e de que forma a escola pode contribuir para a sociabilidade dos alunos tímidos. E, finalmente, trago algumas considerações e as referências utilizadas ao longo da pesquisa.

# 1 CAPÍTULO I

Neste capítulo apresento algumas concepções de autores sobre o que é timidez.

É importante esclarecer que meu tema de pesquisa exigiu que eu buscasse por informações para além do campo da Educação, uma vez que autores desta área não deram conta de sustentar minha pesquisa. Sendo assim, será apresentado neste capítulo algumas idéias de profissionais da área da Psicologia.

## 1.1) O que é timidez?

Apesar de existirem muitas teorias, é difícil encontrar uma definição precisa para o que é timidez. Contudo, uma das definições mais aceitas é que ela é “a tensão e a inibição em situações sociais” (CHEEK & BUSS, 1981, p. 330). De tal sorte, a melhor definição para a timidez é completamente subjetiva, ou seja, se você acha que é tímido, então você é tímido.

Albisseti (1998) afirma que a timidez se manifesta em sintomas como: medo das pessoas, medo dos convites, medo de falar, medo de enrubescer, enfim, todos os medos que tendem a reduzir o contato com as pessoas e que trazem o isolamento.

Embora sobre as características de uma pessoa tímida haver quase um consenso, há divergências em relação a timidez ser ou não uma “doença”. Alguns autores tratam da timidez como um problema, “um mal que afeta as pessoas e que necessita ser tratado e combatido” (MACIEL E ZUSE, 2001, p.111), outros, porém, como um tipo de personalidade mais introvertido, sem vínculo a qualquer patologia (JUNG, 1991).

Para pensar melhor esse assunto, trago algumas contribuições da Psiquiatra Dra. Shirley de Campos que aborda este tema em seu endereço virtual. Segundo a Psiquiatra, costuma-se identificar como timidez o desconforto e as inibições que ocorrem na presença de outras pessoas manifestadas nos níveis: cognitivo, afetivo, fisiológico e comportamental.

Os sintomas cognitivos mais comuns são pensamentos negativos sobre si

mesmo e a situação, medo de avaliação negativa e de parecer "ridículo" diante dos outros. Enquanto que os sintomas afetivos incluem a vergonha, tristeza, solidão, depressão, ansiedade e baixa autoestima. Os sintomas fisiológicos mais observados são o aumento do batimento cardíaco, secura na boca, tremedeira, rubor, transpiração excessiva e gagueira. E os sintomas comportamentais comumente encontrados são a inibição e passividade, evitação do contato visual, baixo volume de voz, reduzida expressão corporal e a apresentação de comportamentos nervosos. Só a própria pessoa tem a noção exata do quanto sua dificuldade a prejudica, uma vez que a maior parte dos sintomas é invisível aos olhos dos outros.

O termo inibição, que está relacionada a timidez, é, a condição mental em que ocorre uma limitação do desempenho, e descreve a timidez que pode ser observada, como, por exemplo, isolar-se das pessoas e emudecer diante de situações sociais.

Ainda segundo a Psiquiatra Shirley (2005) “é um padrão de comportamento em que a pessoa não exprime (ou exprime pouco) os pensamentos e sentimentos, e não interage ativamente”. Esta maneira de explicar a Timidez é também usada em várias abordagens da psicologia e da psicoterapia.

Esses processos internos têm vários tipos de explicações pormenorizadas, segundo a Teoria da Personalidade que se adota. Cada Teoria da Personalidade procura explicar a formação das características das pessoas, as razões que levam o ser humano a ser deste ou daquele jeito. Desvios nesse desenvolvimento causariam problemas ao indivíduo. A Timidez, um desses desvios, pode ser explicada de diferentes maneiras, dependendo da teoria que se adote. As informações dadas aqui não se baseiam em nenhuma dessas teorias, mas contêm elementos de várias.

De qualquer forma, seja pela visão do senso comum, seja pela visão do processo interno da pessoa, a timidez não compromete de forma significativa a realização pessoal, mas exprime um empobrecimento na qualidade de vida. Isso pode ser notado em situações sociais diversas. Exemplos: dificuldades, mas não impossibilidade, em participar de atividades em grupo, de praticar esportes coletivos, para falar em público, para fazer uma pergunta em sala de aula, ao abordar alguém para namoro ou relação íntima, em escrever o que pensa, ao falar com alguém em posição de autoridade, para divertir-se em público, e assim por diante.

Trazendo este assunto para a sala de aula, em linhas gerais, o aluno tímido é

aquele que está sentado mais ao fundo da sala, que dificilmente se manifesta, que possui grupo reduzido de amigos, que opta por não participar, que fica desconfortável em apresentações de trabalho, aquele que não pergunta, não opina, não questiona, enfim, aquele que, enquanto aluno “não nos causa problemas”.

Situações normais para qualquer aluno como manifestar uma dúvida, demonstrar o que pensa, explorar materiais de estudo, participar de teatros e apresentações de trabalho, para o aluno tímido são situações desafiadoras e desencadeadoras de muito sofrimento. É absolutamente natural ao aluno tímido permanecer com dúvidas e buscar por maiores esclarecimentos sozinho ou com colegas após a aula, ou não levantar hipóteses sobre um assunto debatido ou ainda dizer que não “está afim” de participar no momento.

Pode-se compreender que o sujeito tímido muitas vezes, lança mão de formas de manifestação retraídas e passivas, para proteger-se dos demais membros do grupo e de determinada situação social que se apresente opressora, de uma situação de possível exclusão, pois, na sociedade contemporânea dada sua busca incessante por resultados imediatos e desempenhos individuais, muitas vezes, os sujeitos se protegem contra situações de opressão e discriminação. Nessa perspectiva, pode-se pensar nas crianças tímidas como sujeitos intimidados pela opressão social e/ou escolar, questões fundamentais a serem discutidas nesse trabalho de pesquisa.

## **1.2) Para que pesquisar sobre este assunto?**

Atualmente, a questão da timidez vem despertando grandes reflexões, especialmente entre os professores, uma vez, que é na sala de aula que a timidez torna-se mais que uma característica da personalidade humana, um entrave, cada vez mais doloroso de o aluno conviver.

Existe uma série de consequências negativas associadas à timidez. As crianças tímidas têm geralmente mais dificuldade em fazer e em manter amizades porque carecem de habilidades sociais, o que contribui para se tornarem mais solitárias. As dificuldades de se defenderem são outra consequência negativa, na medida em que os colegas por vezes abusam delas. A timidez é também

frequentemente interpretada pelas outras crianças como sinal de indiferença e desinteresse, o que contribui para que estes alunos sejam ignorados ou excluídos. Como eles têm dificuldade em expressar as suas indagações, aprendizagens e emoções e, por vezes procuram escondê-las, acabam construindo um “abismo” entre ele e o professor e não somente entre ele, entre ele e o mundo.

Assim, a importância de se destinar uma atenção especial aos tímidos não é apenas pelo fato deles poderem “sofrer” em algumas situações escolares, devido a sua aversão a exposição social. Penso que os traços da personalidade de um indivíduo tímido, o caracteriza como “diferente” aos demais, levando-o inclusive a ser mais propenso a se tornar vítima de Bullying.

Em “Bullying - Mentas perigosas nas escolas”, Ana Beatriz Barbosa (2010) faz uma análise profunda sobre um dos tipos de violência cada vez mais noticiado, que precisa com urgência ser combatido. Na sinopse do livro, ela afirma:

Os agressores escolhem um aluno-alvo que se encontra em franca desigualdade de poder, geralmente este também já apresenta uma baixa autoestima. A prática de bullying agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis.

Com base nos escritos dessa psiquiatra, os alunos tímidos são considerados mais frágeis ou mais sensíveis e, portanto sofrem intimações constantes. Discriminados em sala de aula, as vítimas de bullying, na maioria das vezes, sofrem caladas frente ao comportamento de seus ofensores. E as consequências podem ser desastrosas: desde repetência e evasão escolar até o isolamento, timidez, depressão, e em casos extremos, suicídio e homicídio.

Ana Beatriz (2010) explica que é normal que as crianças impliquem uma com as outras, se dêem apelidos e briguem de vez em quando, por isso nem sempre é fácil identificar quando o problema aparece. No caso dos tímidos, existe um agravante, uma vez que por terem número reduzido de amigos, se torna ainda mais difícil detectar o problema. Além do mais, por super valorizarem seus pontos negativos, é comum os tímidos ocultarem as agressões para não se tornar “alvo” de discussões na família e na escola.

Como vimos, a questão da timidez pode ser tida como fator decisivo para

tornar um aluno vítima de Bullying como também pode ser uma sequela deixada após a agressão. Contudo, ainda que a questão do Bullying seja um tema por demais interessante, necessário e promissor de aprendizagens tanto para a família quanto para os educadores, faz-se necessário eleger algumas questões para serem focalizadas neste trabalho a fim de torná-lo mais objetivo e sucinto.

Deste modo, as questões que serão foco de discussão deste trabalho de pesquisa é sobre a possibilidade do aluno tímido, ao tomar a decisão por não participar de algumas atividades escolares, não acompanhar o processo de aprendizagem onde a ação/atuação é extremamente necessária para construção do conhecimento bem como de que forma a escola pode colaborar para a sociabilidade deste aluno.

Para iniciar esta discussão, é oportuno destacar que a escola contemporânea vêm se adaptando à novas técnicas e metodológicas de ensino a fim de torná-lo mais significativo para o aluno. Estes requisitos se fundamentam basicamente na viabilização de atividades didáticas onde o aluno interage com o objeto de estudo ativamente. Deste modo, as atividades de sala de aula, se tornaram progressivamente mais ativas, é o chamado “aprender fazendo”. Realmente, não há dúvidas de que o aluno de Física que tenha feito a experiência de medir com um termômetro a temperatura em que a água de uma chaleira levada ao fogo começa a ferver aprenderá bem mais fácil que o fenômeno ocorre aos cem graus centígrados do que um que tenha simplesmente ouvido isso de seu professor ou lido tal informação no manual da disciplina. E muito mais fácil ainda se, após fazer a experiência, receber do professor a explicação teórica do fenômeno e, buscar por mais alguns esclarecimentos que julgue necessário ao seu entendimento. Aí ele atingirá o conceito.

Assim sendo, ao compreender a criança tímida e sua maneira de ser, seu comportamento de isolamento, de passividade e distanciamento, pressupõe-se que seu desenvolvimento escolar possa estar comprometido. Daí a importância de discutir essa questão com o objetivo de proporcionar condições diferenciadas para que a escola, e, sobretudo os professores, possam compreender e ajudar melhor os estudantes considerados tímidos, para que os mesmos tenham garantidas as condições de participar efetivamente do processo de aprendizagem e não se

constituam como sujeitos passivos do processo.

### **1.3) Mas, afinal, como ocorre o processo de aprendizagem?**

A aprendizagem tem sido estudada por psicólogos do ponto de vista afetivo (psicanálise), do ponto de vista comportamental (behaviorismo, teoria de aprendizagem social) e do ponto de vista cognitivista (VYGOTSKY, PIAGET, MATURANA).

Conheço os diferentes trabalhos realizados acerca das especificidades do comportamento humano, reconhecendo sua importância; porém, neste trabalho, eu escolhi trabalhar o tema a partir dos estudos de Lev Vygotsky e Carl Gustav Jung, acerca do desenvolvimento e as distintas formas de aprendizagens apresentadas pelo ser humano.

O nome de Vygotsky hoje dificilmente deixa de aparecer em qualquer discussão séria sobre processos de aprendizado. As obras do psicólogo russo ressaltam o papel das relações interpessoais no processo de aprendizado, priorizando as interações entre os próprios indivíduos e deles com o meio. Para Vygotsky (1984), a vivência em sociedade, as interações entre os sujeitos é essencial para a transformação do homem de ser biológico em ser humano. O processo de transformação da aprendizagem de um processo que inicia social e vai tornando-se individual, foi chamado por Vygotsky de internalização.

Segundo o mesmo autor, é pela aprendizagem nas relações com os outros que construímos os conhecimentos que permitem nosso desenvolvimento mental. Ou seja, o desenvolvimento cognitivo é produzido pelo processo de internalização da interação social com materiais fornecidos pela cultura, sendo que o processo se constrói de fora para dentro.

Este princípio do desenvolvimento humano foi estudado por vários autores (PIAGET, VYGOTSKY, MATURANA, WERTSCH, entre outros), que demonstraram através de suas pesquisas que tal princípio baseia-se numa inter-relação entre o meio social e as bases biológicas. Segundo Vygotsky (1998), essa relação é dialética no sentido que o meio afeta o indivíduo, provocando mudanças que serão refletidas novamente no meio, recomeçando o processo num processo que se

assemelha a uma espiral ascendente.

Assim, interação é a ação conjunta e interdependente de dois ou mais participantes que produz mudanças tanto nos sujeitos como no contexto no qual a interação se desenvolve. Garton (1994, p.22) define interação social como "o veículo fundamental para a transmissão dinâmica do conhecimento cultural e histórico". Podemos concluir, portanto, que numa interação social existem alguns elementos essenciais: a presença de pelo menos duas pessoas, e a relação de reciprocidade que se estabelece (bidirecionalidade) entre os participantes.

Assim sendo, a noção de interação, pode ser entendida como "ação entre/junto com". Isto é destacado também por Garnier(1991), quando afirma que, embora a concepção de aprendizagem em educação a considere como um processo individual, não pode-se negar seu caráter social ao se desenvolver dentro de processos grupais como a sala de aula, que é "...um espaço social no qual as interações de todos os parceiros estão focalizadas sobre saberes de origem cultural"(p. 214).

Deste modo, é na troca com outros sujeitos e consigo próprio que se vão internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimentos e da própria consciência. A internalização dos processos psicológicos superiores, segundo Vygotsky, é, "... a reconstrução interna de uma operação externa..." (1998, p.74).

Seguindo este pensamento, o autor enfatiza o papel da linguagem na interação dos sujeitos. "Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas" (1998, p. 38), ou seja, é a linguagem que permite a transmissão de um pensamento para outra pessoa e pode ser entendida como o instrumento mais complexo para viabilizar a comunicação, a vida em sociedade, a aprendizagem, o desenvolvimento.

De acordo com Vygotsky (1987) não é apenas por falar com as outras pessoas que o indivíduo dá um salto qualitativo para o pensamento verbal. Ele também desenvolve gradualmente, o chamado "discurso interior", que é uma forma interna de linguagem, dirigida ao próprio sujeito e não a um interlocutor externo. É um discurso sem vocalização, voltado para o pensamento, com a função de auxiliar o indivíduo nas suas operações psicológicas.

Para Vygotsky, “o desenvolvimento de conceitos, ou dos significados das palavras, pressupõe o desenvolvimento de muitas funções intelectuais: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar” (1998, p. 104). Para isso acontecer, o sujeito precisa interagir com os semelhantes no espaço e no tempo. Com a visão desse autor, podemos aproveitar várias ideias que ajudam a melhor compreender a função da experiência prática e da linguagem na construção de aprendizagens significativas. Visto que os indivíduos precisam emergir no seu universo sócio-cultural para estabelecer vínculos para dar sentido aos conceitos.

Vygotsky diz que:

A experiência prática mostra também que o ensino direto de conceitos é impossível e infrutífero. Um professor que tenta fazer isso geralmente não obtém qualquer resultado, exceto o verbalismo vazio, uma repetição de palavras pela criança, semelhante a um papagaio [...] (1998, p. 104).

Deste modo é válido dizer que a verbalização, ou verbalismo como anunciou o autor, é essencial para a construção do conhecimento, mas, somente se for usado com autonomia e racionalidade pelo sujeito e não apenas como reprodução do que lhe foi ensinado.

Para Vygotsky (1982), o sujeito é ativo, ele age sobre o meio. Para ele, não há a "natureza humana", a "essência humana". Somos primeiro sociais e depois nos individualizamos. Nas palavras de Teresa Cristina Rego, ao descrever a Teoria Vygotskyana:

Em síntese, nessa abordagem, o sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real nem o portador de verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário, é um sujeito ativo que em sua relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói (no seu pensamento) este mundo. O conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem. (2002, p. 98)

Desta forma, um dos pilares dos pensamentos de Vygotsky é a idéia de que o aprendizado e o desenvolvimento humano são frutos de experiências cotidianas, onde os sujeitos exploram, comparam, interagem, atuam. É importante lembrar, com

base nos estudos de Vygotsky, que é possível agir mentalmente sobre algo, através do pensamento, ou seja, o termo “agir ativamente” não significa que este ato seja necessariamente físico, age-se também por meio do pensamento, do raciocínio.

Um outro autor que direcionou seu estudo as formas de aprendizagens e que considero importante citar neste trabalho é Carl Gustav Jung. Este psicólogo e pensador suíço (1875 – 1961) pesquisou o comportamento e as formas de aprendizagem que distintos sujeitos apresentam e se deve a ele o conceito de “introvertido” e “extrovertido”. Através de suas pesquisas é possível compreender com mais clareza o comportamento e o aprendizado das pessoas segundo suas especificidades.

Segundo a teoria original de Jung, o comportamento humano não é aleatório, ele pode ser medido, previsto e classificado através dos tipos de personalidade. Em seu livro “Tipos Psicológicos”, lançado no ano de 1927 na Europa, Jung afirmava que a personalidade humana pode ser composta por diversos fatores, a combinação destes fatores leva aos tipos de personalidade. Ou seja, cada um de nós possui sua própria maneira de aprender, determinada pelo tipo de personalidade que temos.

Segundo Jung,

(...) uma das variáveis que influenciam os resultados da solução de problema refere-se aos traços cognitivos e de personalidade como ser incisivo, capacidade de integração, estilo cognitivo, sensibilidade a problemas, flexibilidade, capacidade de improvisação, espírito de aventura, curiosidade intelectual e tolerância à frustração. (1986, p.62)”

Jung (1986) assinala, assim, as características individuais como fatores intervenientes na resolução de problemas. A teoria de Jung, também chamada de “Tipologia ou Psicologia Junguiana” permite a apreensão de como as diferentes personalidades percebem o mundo e como essas diferenças têm influência profunda no processo de ensino e aprendizagem.

Para Carter (2000), discípulo de Jung, o estilo de aprendizagem é uma maneira particular na qual o mente recebe e processa a informação. Não há uma maneira certa de aprender ou a melhor maneira de aprender. Na verdade, são vários os estilos que se adaptam a diferentes situações. Cada pessoa tem seu estilo próprio de aprender.

Em concordância com esta ideia, Lawrence, esclarece que é possível

conhecer melhor as pessoas através da forma como eles percebem o mundo. Nas palavras do autor

(...) as pessoas revelam muito sobre elas através de seus hábitos, não apenas os maus hábitos, mas a maneira como prestam atenção, se preocupam e decidem as coisas. Cada pessoa tem a sua maneira de perceber e processar a informação, o que a difere das demais. (1982)

É importante, porém, salientar que um dado tipo psicológico não é melhor que os outros, pois cada qual apresenta características peculiares, vantagens ou desvantagens em determinado contexto ou situação. Diante da complexidade humana, torna-se praticamente impossível definir a personalidade de uma pessoa em sua totalidade. A compreensão do tipo psicológico vai informar apenas as preferências, atitudes e estilos de interação das pessoas. Ou seja, os tipos psicológicos constituem apenas esquemas de compreensão que auxiliam no conhecimento de aspectos da personalidade individual e na apreensão dos significados que o aluno ou professor toma da realidade, permitindo ir além da realidade objetiva. Jung considera inútil e desnecessário classificar ou mesmo categorizar as pessoas conforme os tipos.

Tendo conhecimento deste estudo, e a pertinência deste para a discussão sobre em que medida a timidez interfere na aprendizagem das pessoas, faz-se indispensável conhecermos melhor os tipos psicológicos apresentados por Jung. Segue uma explicação breve das dimensões e características dos tipos:

A primeira dimensão do tipo de personalidade diz respeito a como interagimos com o mundo e, principalmente, onde obtemos e onde dirigimos a nossa energia. Nesta dimensão encontramos os **Extrovertidos (E)** e os **Introvertidos (I)**.

Jung classifica os extrovertidos como sujeitos que se energizam quando interagem com outras pessoas. São pessoas extremamente sociáveis e comunicativas e que gostam de conversar e interagir com outras pessoas, que não tem medo de expor suas opiniões e ideias. Enquanto que os Introvertidos são energizados quando despendem o tempo sozinhos, são menos sociáveis e interagem com menos pessoas. Em geral, não se abrem facilmente e gostam de concentrar sua energia no mundo interno das idéias e pensamentos.

A segunda dimensão do tipo descreve as duas maneiras diferentes como as pessoas percebem, ou assimilam as informações. Nela encontramos os **Sensoriais**

**(S)** e os **Intuitivos (N)**. Jung (1986) considerava o indivíduo sensorial extremamente atencioso quanto a fatos e detalhes e ainda avalia-os como pessoas mais realistas e práticas. Enquanto que os Intuitivos tentam entender as conexões, significados e implicações em que ocorrem os fatos. São pessoas mais imaginativas e criativas.

A terceira dimensão do tipo se relaciona com a maneira como tomamos decisões e chegamos às conclusões. Todos nós apresentamos uma preferência natural inata por tomar decisões baseadas na lógica ou em nossos sentimentos e valores pessoais. Nesta dimensão encontramos os **Pensadores (T)** e os **Sentimentais (F)**. Os Pensadores tendem a tomar decisões mais objetivamente, pesando os prós e contras e valorizam a lógica e a justiça; um padrão para todos. Enquanto que os Sentimentais tomam as decisões baseados em como se sentem acerca do assunto e como os outros serão afetados. Uma outra característica dos sentimentais segundo Jung, é que estes, valorizam a empatia e a harmonia; vêm a exceção para a regra.

A quarta e última dimensão do tipo de personalidade, se relaciona a se preferimos viver de uma maneira mais organizada (tomando decisões) ou de uma maneira mais espontânea (assimilando informações), nela encontramos os **Julgadores (J)** e os **Perceptivos (P)**. Os Julgadores tendem a tomar decisões rápida e facilmente, são mais felizes depois que as decisões foram tomadas. Enquanto que os Perceptivos são mais felizes deixando as suas opções abertas e tendem a sentirem-se ansiosos e inseguros ao tomarem decisões.

Existem mais características observáveis em cada um dos critérios, mas acredito que estas podem dar uma boa ideia do que cada critério mede.

Contudo, a primeira dimensão apresentada por Jung (1991), que revela a forma de a pessoa agir e reagir a estímulos, será nosso foco de análise. Isso porque é neste grupo que encontramos os sujeitos Introversos e Extroversos

De acordo com Carrizosa (2000), cada pessoa tem uma característica mais marcante, mas não significa que em determinada situação uma pessoa considerada introversa possa apresentar traços de extroversão e vice-versa. Ou seja, todas as pessoas usam ambos os pólos de cada dimensão, mas há uma tendência em favorecer mais um pólo que outro. É sobre estas características da personalidade humana (introversão e extroversão) que o tema de pesquisa será discutido sob o

ponto de vista cognitivo, ou seja, da forma os indivíduos processam as informações.

Introvertido, particípio de introverter, tem como adjetivação o ser voltado para dentro, metido consigo ou absorto, concentrado e introverso. Desta forma, poderíamos classificar uma pessoa tímida no pólo dos introvertidos. O extrovertido seria o contrário, ou seja, aquele que se expande; ser expansivo, comunicativo, sociável, indivíduo extroverso. Poderíamos classificar como também como pessoa desinibida. Jung (1986) diz que o extrovertido, ou “pessoa virada para fora é aquele cujos interesses dirigem-se em relação ao mundo em sua volta. Gosta mais de pessoas que de livros, de atividade, mais que de repouso. Enquanto que o introvertido é, ou pessoa virada para dentro, ou seja, dirige seus interesses para dentro do ser humano, prefere ouvir ao invés de falar, observar ao experimentar”.

Resumidamente, podemos dizer que ser Extrovertido ou Introvertido refere-se a maneira com que interagimos com o mundo. Apesar das diferenças entre as duas palavras, Jung defende que a extroversão e introversão são atitudes normais. Devido a sua graduação exagerada à introversão levará a pessoa possuidora dessa característica a uma situação patológica (Fobia social), assim mesmo ou do mesmo modo que a extroversão excessiva será também característica de estado mórbido.

É importante ressaltar que o termo “introvertido” utilizado popularmente, refere-se a uma pessoa mal-humorada ou que não é divertida, o que não corresponde a uma pessoa tímida que, apenas fala pouco e não deixa transparecer seus sentimentos, mas que não necessariamente está aborrecido com algo.

Felder e Silverman (1988), reforçando as palavras de Jung, vão além neste estudo e classificam os introvertidos e os extrovertidos a dois tipos distintos de aprendizes – Ativos e reflexivos. “Os aprendizes ativos, tendem a compreender e reter melhor a informação trabalhando de modo ativo, agindo sobre algo – discutindo e aplicando a informação ou explicando-a para os outros, tendem a gostar mais do trabalho em equipe, têm espírito de liderança. Os aprendizes reflexivos preferem primeiro refletir sobre a informação, observar e analisar o que os outros fazem, e tendem a gostar mais de trabalhar sozinhos.”(p.78)

Desta forma, os estilos de aprendizagem refletem o perfil psicológico da pessoa a estímulos motivadores que se manifestam durante o processo de conhecimento. Direcionando este estudo para o presente trabalho de pesquisa,

observa-se os tímidos como aprendizes reflexivos, ou seja, que preferem observar com atenção os detalhes das informações recebidas, pensando e refletindo sobre elas de forma individual. Desprivilegiando momentos de ação e experimentos práticos.

Esta concepção contempla a ideia de que, enquanto alguns alunos necessitam da prática, da experiência, da ação para assimilar um determinado conhecimento de forma significativa, os alunos tímidos o fazem apenas observando passivamente, pois se adaptaram a esta forma particular de aprender devido ao seu tipo de personalidade. Assim, o exemplo usado no capítulo anterior, onde um aluno comprova a temperatura em que a água de uma chaleira começa a ferver com o auxílio de um termômetro, ressaltando a importância da prática na construção do conhecimento, e de certa forma, desmerecendo o ensino baseado em leituras e reflexões individuais, não é tido como empecilho ao aprendizado dos alunos tímidos. Ou seja, se levarmos em consideração que o aluno tímido é um aprendiz reflexivo, a sua opção por não participar e/ou não manipular instrumentos práticos durante as aulas, não acarretará em desvantagem na sua aprendizagem, uma vez que seu desempenho estará sendo exercido e executado na sua totalidade através da reflexão.

Cabe ressaltar que este ponto de vista, não faz apologia às aulas tradicionais, conteudistas, nem desconsidera o “saber provindo da experiência” e/ou a “aplicação da teoria”, apenas põe em evidência que diferentes tipos de personalidade apresentam distintas formas de aprender, e que nem todas carecem de agir sobre o objeto de estudo para assimilar um determinado conhecimento.

Mas e as aulas de Educação Física? Onde o “conteúdo” é prático? É possível aprender a jogar vôlei sem praticar ou apenas observando os colegas jogarem? Realmente, a Educação Física é mesmo um grande desafio para os alunos tímidos, onde a exposição é eminente e praticamente inevitável.

Não restam dúvidas de que só aprende a jogar vôlei quem joga, assim como só se aprende a andar de bicicleta, andando. Não é possível um indivíduo se inteirar de um aprendizado que é prático apenas observando, porém pode-se afirmar que o aluno reflexivo assimila todas as regras e princípios de um jogo apenas ouvindo as explicações do professor e observando os colegas praticarem. Neste caso, é válido

dizer que o aluno tímido entende tudo da teoria, podendo atuar como um ótimo juiz, mas não como um exímio jogador, uma vez que lhe faltará a prática.

## **2 CAPÍTULO II**

Neste capítulo, introduzo, no primeiro item os aspectos metodológicos que guiaram minha pesquisa; para, no segundo item, contextualizar a turma entrevistada.

### **2.1) Conhecendo a pesquisa**

Os alunos considerados sujeitos dessa pesquisa, ou seja, adolescentes na 8ª série do ensino fundamental, alunos de escola pública estadual do município de Três Cachoeiras, foram entrevistados oralmente a fim de que se pudessem identificar, quais indivíduos possuem traços de timidez, em que momentos se sentem mais retraídos e se acreditam haver relação entre timidez e aprendizagem (ver roteiro da entrevista em apêndice 1).

O motivo que me fez destinar a pesquisa a uma turma de 8ª série, foi pelo fato desde grupo já ter uma caminhada razoável na escola, e, portanto, com possibilidades de refletir com mais veemência sobre sua trajetória pautando nela alguns episódios envolvendo a sua timidez.

Para alcançar tais objetivos, este trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica tem como referencial teórico os estudos de Lev Vygotsky e Carl Gustav Jung sobre o processo de construção de significados e conhecimentos na criança. A pesquisa de campo terá como metodologia a promoção de um debate oral envolvendo o assunto.

Para o registro de tais dados será construído um diário de campo o qual será objeto de análise e discussão deste trabalho.

### **2.2) Aspectos metodológicos**

A pesquisa aqui apresentada é de cunho qualitativo e consiste em refletir sobre como alguns alunos entendem sua descrevem a sua timidez em sala de aula, apresentando — ou não — alguns momentos onde deixaram de participar de alguma atividade escolar devido a sua timidez. Para alcançar tal objetivo, foi realizada uma pesquisa de campo.

Na pesquisa de campo, utilizei como técnica de coleta de dados, a entrevista dirigida, que tem como objetivo analisar uma experiência que o aluno tenha vivido e/ou experienciado durante sua escolaridade referente ao tema timidez. Neste caso, não dispunha de nenhum questionário com perguntas preestabelecidas, mas sim de uma lista de tópicos relativos ao tema de pesquisa que foram abordados ao longo da entrevista com o desenrolar da conversa.

Optei por conduzir um debate coletivo com um grupo de 9 alunos que se dispuseram a falar livremente sobre o assunto relacionando-o a sua aprendizagem

Conforme Zago (pg.304) “as riquezas das respostas está diretamente ligada ao interesse que os temas e o desenvolvimento da entrevista representam para a pessoa”. Desta forma, procurei durante o momento da “conversa-entrevista”, manter um olhar voltado às situações onde os alunos revelavam experiências relacionadas ao tema timidez, oferecendo elementos para que o grupo descrevesse as situações de forma detalhada.

As entrevistas foram realizadas com alunos de 8ª série, numa escola pública estadual, da cidade de Três cachoeiras/RS, mediante carta de apresentação da Universidade e com autorização da direção da escola.

A faixa etária dos alunos entrevistados é de 14 anos. Recebi autorização dos participantes para uso e divulgação dos dados coletados durante a pesquisa. Porém, por uma questão de ética na pesquisa, a escola e os sujeitos envolvidos não tiveram seus nomes e imagens divulgados. Por este motivo, os alunos foram citados utilizando-se a primeira letra do nome, ou a última letra do nome, para aqueles que têm nomes que se iniciam com a mesma letra.

Como técnica de registro de dados, utilizei o diário de campo. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 50): “As notas de campo são: o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”. O conteúdo das notas de campo são descritivos e reflexivos. A parte descritiva representa o esforço do investigador para registrar objetivamente os detalhes que ocorreram no campo. A parte reflexiva é onde aparece o ponto de vista do observador, são as reflexões do observador sobre os acontecimentos, suas idéias, preocupações e emoções geradas na experiência.

O diário de campo contém, então, os registros das falas dos alunos

entrevistados. Conforme combinados com a professora de História, que gentilmente ofereceu um espaço entre os períodos que possuía com a turma, realizei a entrevista da seguinte forma: visitei a turma anteriormente e expliquei-lhes os objetivos de minha entrevista e esclareci dúvidas com relação as funções de um Trabalho de Conclusão de Curso. Após apresentei-lhes o Termo de Consentimento Informado (ver apêndice 2), ressaltando meu compromisso com relação ao sigilo ético estabelecido na entrevista.

No dia e horário marcado, me juntei a turma, e conduzi um diálogo junto aos alunos, e busquei por depoimentos reais onde estes vivenciaram situações de timidez na escola. Busquei também por narrativas sobre a relação existente entre timidez e aprendizagem e por sugestões de atividades escolares que viabilizem a sociabilização dos alunos tímidos.

### **2.3) Contextualizando a turma entrevistada**

Descrevo neste item, a turma onde realizei minha pesquisa.

A turma de 8ª série frequenta a escola no turno da manhã, e é composta por 11 alunos, sendo que 9 meninas e 2 meninos. Todos completaram 14 anos de idade e nenhum é repetente. Cinco alunos afirmaram trabalhar em fábricas da região. Todos moram com os pais, com exceção de uma aluna que mora com os avós. Nenhum dos alunos entrevistados é filho único.

No dia em que se concretizou a entrevista, uma aluna faltou a aula, e outra estava realizando prova na secretaria, desta forma o debate foi efetivado com 9 alunos.

### 3 CAPÍTULO III

Neste capítulo faço uma análise dos dados coletados na pesquisa empírica e apresento alguns conceitos trabalhados pelos autores sobre o tema escolhido.

#### 3.1 Analisando os dados coletados

A partir da pesquisa de campo, foi produzido um diário de campo, contendo a descrição detalhada do diálogo estabelecido com a turma e algumas primeiras impressões sobre o que foi discutido. Os dados foram analisados objetivando-se perceber a partir das narrativas dos alunos, quais deles apresentam traços de timidez e se estas características influenciavam – direta ou indiretamente - seu aprendizado.

Todos os dados foram avaliados sendo, então, levantadas cinco categorias de comportamentos e reações dos alunos, dentro do espaço escolar. Cada categoria foi dividida em outras sub-categorias, que evidenciam a quantidade de depoimentos. A seguir, apresento as categorias levantadas:

##### **a) Manifestação de dúvidas na sala de aula:**

1. Quando tem dúvidas, nunca pergunta ao professor, prefere perguntar para um colega após a aula. Nesta sub-categoria aparecem sete depoimentos.
2. Quando tem dúvidas, pergunta logo ao professor. Nesta sub-categoria, aparecem dois depoimentos.

##### **b) Momentos onde a timidez mostra-se mais intensa:**

1. Apresentação individual de trabalhos. Nesta sub-categoria, aparecem cinco depoimentos.
2. Atividades Físicas na quadra de esportes da escola. Nesta sub-categoria, aparecem três depoimentos.
3. Momentos de leitura na sala de aula. Nesta sub-categoria aparecem dois depoimentos.
4. Apresentações em eventos promovidos pela escola (teatros,

feiras de ciências, desfile cívico, dentre outros) Nesta subcategoria aparecem dois depoimentos

**c) Tomada de decisão:**

1) Tem a resposta para a pergunta do professor, mas sua sabedoria desaparece diante da decisão de levantar a mão. Nesta sub-categoria aparecem quatro depoimentos.

**d) Sensibilidade e vulnerabilidade:**

1) Quando dá uma opinião, não a descarta, independente de como os outros se sentem sobre ela. Esta sub-categoria aparecem em dois depoimentos.

2) Se sente que as pessoas não gostam da sua presença, fica muito desconfortável. Nesta sub-categoria aparecem três depoimentos.

3) Quando se sente injustiçado, nunca revida ou responde. Nesta sub-categoria aparecem dois depoimentos.

**e) Interações no ambiente escolar (convivência social):**

1. Evita assumir o papel de “porta-voz” na apresentação de trabalhos. Nesta subcategoria aparecem cinco depoimentos.

2. Já recusou participar dos jogos nas aulas de Educação Física devido a timidez. Nesta sub-categoria, aparecem três depoimentos.

3. Já deixou de participar de eventos promovidos pela escola devido a timidez. Nesta sub-categoria aparecem três depoimentos.

4. Prefere provas escritas a trabalhos avaliados por trabalhos em grupo. Nesta sub-categoria aparecem dois depoimentos.

Para desenvolver a reflexão acerca da influência da timidez na escolarização das pessoas, trouxe alguns exemplos, os quais considere mais relevantes, que aparecem em cada categoria levantada anteriormente. Todos os exemplos aqui citados foram retirados das categorias levantadas a partir da análise da pesquisa de campo.

Na categoria A, com relação à manifestação de dúvidas na sala de aula, aparecem os seguintes depoimentos:

- Quando o professor explica a matéria e eu fico com dúvida, nunca pergunto a ele. Prefiro perguntar para 'N' depois. Porque se eu perguntar vai parecer que eu não prestei a atenção. (Aluna 'T')

- Eu não pergunto *pro* professor porque senão os outros (colegas) vão rir de mim. Me chamando de burra. E todo mundo ri mesmo, não adianta dizer que não. (Aluna 'F')

As alunas em questão descrevem uma das situações “clássicas” entre os tímidos. Ficar com dúvidas. Segundo Shirley de Campos “existe um rubor por parte do tímido, de se parecer ‘ridículo’ diante dos outros”(2004) e com isso deixa muitas vezes, de saciar sua dúvida ou encontrar uma outra forma de explicação que seria crucial para a sua aprendizagem.

A aluna 'T', explicita uma situação de rubor por uma possível reação negativa do professor, enaltecendo um comportamento de reverência a quem, para ela, possui o poder de fazer-se respeitar. Já a aluna 'F', direciona sua preocupação para a reação negativa dos colegas, que por sua vez, poderiam julgar seu questionamento insignificante, digno de quem não sabe nada.

Embora ambos os depoimentos explicitem a opção por não manifestar perguntas na sala de aula, a aluna 'T', sacia suas dúvidas com uma colega posteriormente, enquanto que a aluna 'F', permanece com sua indecisão.

É preciso retomar a ideia de que, durante muito tempo a escola silenciou seus alunos através de um ensino ditatório onde apenas o professor tinha vez e voz. Nesta escola, o aluno disciplinado era aquele que escutava e vivia imerso num mundo de passividade. Penso que os alunos de hoje ainda são frutos desta época e que muitos de nossos tímidos, assim o são, porque não se distanciaram deste modo de transmissão passiva, seja na família, seja na escola.

O que sabemos é que a aprendizagem é um processo, onde é necessário questionar, levantar hipóteses, refletir, interagir. Em relação a essa afirmação, Vygotsky (1989, p. 5), conclui: “é na troca com outros sujeitos e consigo próprio que se vão internalizando conhecimentos”. Quando o autor refere-se a troca, faz alusão a relação dialética existente entre os envolvidos, ou seja, as atuações em sala de aula, através do diálogo estabelecido – mas não somente nele - provocam

mudanças entre os alunos, e entre eles e o professor, mudanças que serão refletidas no meio.

As posturas descritas pelas alunas entrevistadas merecem atenção especial uma vez que, estão comprometendo seu aprendizado, a primeira ao permanecer com dúvidas e a segunda por saciar suas dúvidas com colegas, pois pode encontrar uma resposta incorreta.

Na categoria b) 1, se referindo a momentos em sala de aula onde a timidez mostra-se mais intensa, aparece o seguinte depoimento:

- Detesto apresentar trabalho sozinha porque todo mundo fica rindo. Quando o trabalho é em grupo é melhor porque todos vão lá na frente e não ficamos sozinha na frente da turma e se a gente esquece de alguma coisa, os colegas ajudam. (Aluna 'N')

Pergunta: Durante tua vida escolar, sempre te sentiste assim, tímida em apresentação de trabalhos?

- Sim, mas antigamente era pior, eu não conseguia apresentar (...) por mais que eu soubesse o que *fala* dava “branco” e eu esquecia de nervoso. Lembro de uma vez na 4ª série que eu fiz todos os cartazes *pro* grupo, só *pra* não precisar falar na hora da apresentação. (Aluna 'N')

Neste depoimento da aluna 'N', fica claro a situação de inibição frente a exposição diante da turma. Mais uma vez, ressalta-se a preocupação do tímido em passar uma boa imagem, tornando-se um aluno extremamente exigente consigo mesmo e apresentando, por isso muita dificuldade em expressar o que sabe, o que pensa. Não significa que esta conduta, descrita pela aluna 'N', venha a afetar sua aprendizagem, neste depoimento ela apenas manifesta seu “desconforto” em apresentações de trabalho individuais, priorizando trabalhos em grupo, por parecerem menos embaraçosos.

A situação descrita acima evidencia o sofrimento vivido por um aluno tímido em sala de aula, que é submetido a exposição social na apresentação de trabalhos e confirma a relevância de estimular estes momentos em sala de aula, para habituar este aluno a atuar ativamente e não apenas assistir a tudo, passivamente.

Contudo, é importante atentar para a idade dos alunos entrevistados. Todos

eles têm em torno de 14 anos de idade, e a adolescência é entendida como um período da vida onde é comum se sentir estranho, inseguro, bizarro devido à mudanças no corpo que ocorrem e a crise de identidade que enfrentam. Desta forma, o conceito de timidez pode ser interpretado como uma situação passageira, que faz parte do processo de crescimento do indivíduo. Assim, procurei fazer com que os alunos descrevessem não apenas situações que vivenciam neste momento como também situações que já vivenciaram ao longo de sua vida escolar, no sentido de encontrar neste grupo pessoas que possuem traços de timidez independente da fase da vida que estão.

Na sub-categoria 2, embora tenha ocorrido apenas três depoimentos, julguei as descrições das alunas, muito pertinentes tamanha comoção demonstrada por elas durante a entrevista.

– Eu não participo dos jogos de Educação Física porque não gosto de jogar. Só por isso. (Uma colega interrompe e diz) – Não é verdade ‘T’, tu gosta, tu tens vergonha de jogar porque tu joga mal, e é sempre a última a ser chamada para os times. (A aluna ‘T’ consente)

– Eu também não gosto de jogar, dificilmente eu aceito, assim como a ‘T’ ninguém me chama para compor os times, então não aprendi a jogar vôlei. Agora nem quero mais. (Aluna ‘AP’)

– Tem vez que a professora divide os times, daí eu vou, mas ninguém deixa eu encostar na bola! (Aluna ‘N’)

As alunas, nestes exemplos, afirmam não ter aprendido a jogar vôlei em sua trajetória escolar e, elas mesmas julgam, em seus depoimentos, que esta defasagem deve-se a carência da prática.

Pode-se compreender que as alunas lançaram mão de praticar o esporte em função da sua timidez, e não exercitaram as habilidades naturais que tinham para com o jogo, e conseqüentemente sofrem pela rejeição da turma e pela perda em termos de desempenho individual no esporte.

Além disso, ao relatar que “agora nem quer mais”, a aluna ‘AP’, assume e incorpora uma personalidade fraca e encerra suas esperanças por aprender o jogo, se imaginando incapaz e inferior aos demais colegas.

Pensando nos comportamentos acima citados, podemos dizer que as alunas em questão encontram-se em defasagem no aprendizado de um determinado

esporte, no caso o vôlei, ao optarem por não participar da vida esportiva oferecida na escola na intenção de se protegerem de situações sociais que se apresentam opressoras e desconfortáveis.

Para Vygotsky (1998), “a interação social representa um elemento necessário ao processo de aprendizagem [...]. A noção de interação é entendida como ‘ação entre/junto com’”. Assim interação pode ser entendida como a ação conjunta de dois ou mais participantes que produz transformações evolutivas nos sujeitos envolvidos. No caso descrito acima, é válido dizer que a timidez causou o afastamento destas alunas dos esportes na escola.

Na categoria b)3 aparecem os seguintes depoimentos:

- Na nossa turma, sempre que a professora pergunta quem quer ler, a ‘S’ pede para ler. Então ninguém mais se oferece *pra* ler na sala. (Aluna ‘T’)
- Eu não faço questão de ler mesmo, desde a aquela vez que li CAMINHAR em vez de ACOMPANHAR, por mim a ‘S’ pode ler sempre.(risos na sala) (Aluna ‘I’)

Nestes depoimentos aparecem duas situações, o sentimento de desprezo pela atuação como leitora e o comodismo apresentado por uma aluna que supervaloriza um erro cometido no passado.

Chamo a atenção para a descrição da segunda aluna que, tem convicção de que seu equívoco durante uma leitura, jamais será esquecido pela turma, e evita passar pelo constrangimento novamente. Isabel Solé (1998. p.23) afirma que “para uma pessoa se envolver em qualquer atividade de leitura, é necessário que ela sinta que é capaz de ler, de compreender o texto, tanto de forma autônoma, como apoiada em leitores mais experientes.” Com a decisão por se esquivar de momentos de leitura em voz alta na sala, esta aluna poderá vir a comprometer sua fluência na leitura, além, é claro de estar alimentando um senso de inferioridade ao se considerar incapaz de ler como a colega o faz.

Como a própria aluna ‘T’ descreveu, o professor, na intenção de apaziguar esta tensão causada pela leitura em voz alta, acaba por aceitar que apenas um aluno realize as leituras na sala de aula, favorecendo para a perpetuação desta situação de discrepância entre os alunos. Essa é uma questão a meu ver fundamental, pois ao ser conivente com esta situação, o professor não ajuda seu

aluno a crescer e a desinibir-se.

O "professor vygotskyano", segundo Freitas (2000) é aquele que, detendo mais experiência, funciona intervindo e mediando a relação do aluno com o conhecimento. Ele está sempre, em seu esforço pedagógico, procurando criar Zonas de Desenvolvimento Proximal (ZDP's), isto é, atuando como elemento de intervenção, de ajuda. Na ZDP, o professor atua de forma explícita, interferindo no desenvolvimento dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente. Vygotsky, dessa forma, resgata a importância do papel do professor como agentes indispensáveis do processo de ensino-aprendizagem.

Assim sendo, considero a atuação do professor pouco favorável ao desenvolvimento destas alunas com relação a leitura na sala de aula ao não estimulá-las a realizarem tal tarefa.

A categoria b)4 se refere a apresentações em eventos promovidos pela escola (teatros, feiras de ciências, desfile cívico, dentre outros) e aparece o seguinte depoimento:

– O problema em apresentar em eventos é saber que alguém conhecido está olhando. No meu caso, não é só “friozinho” na barriga como a ‘T’ falou, eu tremo demais, fico vermelha e até esqueço o que eu tinha que falar. (por quê?) Porque penso que se eu errar além de mim, meus parentes vão sentir vergonha do meu erro. (Aluna ‘I’)

Pensando no comportamento acima citado, podemos observar que a aluna descreve-se muita insegurança frente a possíveis riscos, e em função disso, encara situações sociais como uma ameaça a sua imagem e a felicidade dos outros. Insegurança, medo, apreensão, são atitudes e posturas característicos de alguém que possui traços de timidez. Além disso, sua preocupação em passar uma boa imagem, acaba lhe atrapalhando e interferindo na sua capacidade de memorização e criação quando afirma que “até esquece o que tinha que falar”.

As experiências oriundas de atividades no meio social são extremamente importantes para o desenvolvimento emocional do sujeito. Vygotsky (1988) “acredita que as características individuais e até mesmo suas atitudes individuais estão impregnadas de trocas com o coletivo, ou seja, mesmo o que tomamos por mais

individual de um ser humano foi construído a partir de sua relação com o indivíduo”.

É oportuno ressaltar que a aluna em questão, apesar de se sentir desconfortável em apresentações em público, não se esquivava de fazê-lo. Segundo o psicólogo Rene Schubert em entrevista publicada no Uol Ciências e Saúde, em novembro de 2009, “o enfrentamento de situações difíceis e geradoras de ansiedade, é uma das melhores alternativas para se vencer a timidez”, além disso, são nestas situações que o sujeito experimenta de sua real capacidade em termos de competências e desenvoltura frente ao público. Assim sendo, compreendo que a aluna está conseguindo “administrar” sua timidez, e assim, favorecendo seu desenvolvimento e aprendizado.

Na categoria c)1, com relação a iniciativa e tomada de decisão, aparece o seguinte depoimento:

– Às vezes o professor faz uma pergunta, e ninguém responde e eu estou com a resposta na ponta da língua, mas não respondo. (por quê?). Sei lá... porque não gosto de aparecer. (Aluna 'AP')

A declaração da aluna, que mesmo dominando o assunto tratado em sala aula, opta por ficar calada frente a uma pergunta do professor, evidencia um comportamento extremamente tímido e retraído. Nestas situações, o indivíduo sofre uma enorme pressão interna que o leva a emudecer frente ao público, mesmo que o público sejam apenas colegas de turma. Neste depoimento encontramos uma aluna temerosa quanto ao que os colegas pensaram sobre as suas palavras e para isso mantêm-se distante e calada. Ela é contida por uma voz interior que diz “cuidado, você vai fazer um papelão, os outros vão rir de você. Será muito melhor se você não for visto nem ouvido”.

A linguagem é, antes de tudo, social. Portanto, sua função inicial é a comunicação, expressão e compreensão. Essa função comunicativa está estreitamente combinada com o pensamento. A comunicação é uma espécie de função básica porque permite a interação social e, ao mesmo tempo, organiza o pensamento. Sobre isso Vygotsky salienta:

(...) sabe-se que a linguagem combina a função comunicativa com a de pensar, mas não se investigou, nem se investiga que relação existe entre ambas as funções, o que condiciona sua coincidência na linguagem, como se desenvolvem, nem como estão unidas estruturalmente entre si! (1934, p.21)

Assim, pode-se analisar que a linguagem oral e as interações que efetivamos através dela, constitui-se em um potencial rico em elementos que nos auxiliam no desempenho de muitas de nossas atividades. Além disso, esta é fator primordial para o desenvolvimento de múltiplas aprendizagens, dentre elas as de organizar o pensamento.

Neste sentido é correto afirmar que esta aluna, ao se privar de interagir com a turma, não socializando seus saberes, está impedindo seu próprio desenvolvimento intelectual.

A categoria d)1, refere-se a sensibilidade e vulnerabilidade dos alunos entrevistados.

Observar a sensibilidade e a vulnerabilidade dos alunos me parece fundamental para o presente trabalho pelo fato de estar presente neste contexto o sentimento de fragilidade e de suscetibilidade a que se sujeita a grande maioria dos alunos tímidos, mesmo em situações rotineiras na escola.

Estudo do ano 2009 do departamento de psiquiatria da Wisconsin University, nos Estados Unidos, comprovou que os tímidos são mais sensíveis e frágeis em situações onde é preciso impor-se ou fazer-se ouvir.

A dificuldade em externizar os sentimentos os torna mais ansiosos, mesmo em situações simples, como na defesa de um ponto de vista na sala de aula, por exemplo.

Neste quesito encontra-se os seguintes depoimentos:

- Eu não desisto da minha opinião quando acho que tenho razão. Muito pelo contrário, tento convencer os outros que estou certo. (Aluno 'J')
- Eu sou igual ao 'J', não tenho vergonha de expor o que eu penso, mas também respeito a opinião dos outros. (Aluna 'S')

Os depoimentos acima citados demonstram a capacidade de impor-se dos

alunos entrevistados. De certa forma, é difícil mostrar o que pensamos em certas situações e, para o tímido, mostrar o que pensa é difícil sempre. “Pelo simples fato de que há riscos de ser contrariado ou criticado, o tímido abre mão do seu ponto de vista, e isso não é nada confortável para ele”. Explica a psicóloga especialista em terapia cognitiva comportamental, Mariana Buchalla, em entrevista para a Revista Ouse, ed. 6.

Deixar-se afetar pela opinião alheia e optar por não “bater de frente” com os outros, é outra característica dos tímidos. Esta atitude deve-se a crenças de que estará agindo com falta de educação e que provavelmente lhe faltará argumentos para rebater a opinião oposta. Infelizmente, muitos alunos tímidos, acatam a decisão dos outros e nem ao menos demonstram o que pensam para não promover discussões, assim envolvem-se numa cultura do conforto, do “anticonflito” para estar sempre em anonimato.

Ainda segundo a psicóloga “o que acontece, é que os tímidos têm dificuldade de pensar em situações de pressão”. Isso deve-se ao fato de estarem pouco habituados a conversarem e a organizarem o pensamento para tal função. O oposto acontece quando a conversa é tida entre um tímido e um amigo, por exemplo. Buchalla, explica que a mente fica relaxada quando se está com um amigo, e é espontânea e livre para pensar, agir, falar, sorrir etc. Por que (inconscientemente) não se tem medo, do que o amigo vai falar e se falar não terá tanto peso, não existe o medo de ser avaliado. Agora com uma pessoa especial, ou em situações especiais (como no caso de impor uma ideia), a mente entra em vigia, em estado de (devo agir assim, estou fazendo feio?) inconscientemente o que acontece é ficar preso.

As declarações dos alunos desta categoria explicitam a predisposição de ambos a imporem suas ideias e opiniões, deixando implícita a capacidade de gerenciar conflitos que possuem e a postura ativa e autônoma nas discussões em grupo.

Depois de todo exposto, considerando os referenciais teóricos abordados neste trabalho com relação a importância da interação entre os indivíduos para a construção do conhecimento, avalio a conduta de ambos os alunos adequada à suas aprendizagens e ao desenvolvimento das habilidades necessárias para o convívio social.

Na categoria d)2, aparecem os seguintes depoimentos:

– Quando percebo que as pessoas não gostam de mim, me afasto do grupo.(Aluna 'N')

– Eu prefiro meu grupo de amigas. Elas são minhas vizinhas também. Já combinamos de sempre *vim* juntas *pra* escola, no recreio ficamos sempre juntas. Quando aparece alguém “de fora”, não me sinto bem, parece que não gostam de mim, fico calada e não me enturmo. (Aluna 'I')

Observa-se nos depoimentos acima citados, a vulnerabilidade dos alunos com relação a fatores afetivos. No último depoimento, a aluna põe em evidência que possui um grupo reduzido de amigas, justamente suas vizinhas, possivelmente conhecidas de longa data.

De acordo com Maturana (1998), para que haja história de interações recorrentes, tem que haver uma emoção que constitua as condutas, as quais resultam em interações recorrentes. Caso essa emoção não ocorra, não existe história de interações recorrentes, mas sim encontros casuais e separações. É através das relações sociais e das interações da criança com amigos que se conhece as emoções próprias do sentido da amizade, do companheirismo, da parceria.

Segundo Crawford & Taylor (2000, p 31) “O tímido tem grande medo de rejeição”. Há um processo de pensamento muito negativo que faz o tímido se concentrar nele mesmo em oposição aos outros. Não tem autoconfiança. Não se arisca e evita sentir-se constrangido. O desconforto causado por uma possível rejeição, obriga o tímido a lançar mão de conhecer novas pessoas e a construir novas amizades.

A conduta da aluna 'I' em encontrar nas vizinhas e colegas laços de amizade, a deixa segura quanto a sua aceitação, assim, conjecturar uma nova pessoa no grupo é imaginar-se ameaçada. Além do mais, como foi analisado na categoria anterior, o tímido sente-se mais a vontade com amigos de longa data, pessoas que já o conhecem e sabem de suas limitações.

Na categoria d)3, aparece o seguinte depoimento.

– Tem vezes que os alunos da 7ª série ficam provocando. Eu nem dou bola. Teve uma vez, mas isso já faz tempo, que esconderam minha bicicleta no barranco. Quando sai da sala, todos riam da minha cara e eu nem sabia por quê. Logo em seguida encontrei a bicicleta, no caminho para casa percebi que o pneu *tava* furado. Meu pai me aconselhou a não criar confusão, daí não briguei com ninguém. (Aluno 'M')

O depoimento citado acima contempla a condição de inferioridade a que o aluno se coloca. Não penso que o correto, nesta situação, fosse revidar ou resolver com discussões, mas penso que pelo menos a direção da escola, teria que ter sido comunicada e ter tomado uma posição diante deste ocorrido.

Chamo a atenção para a atitude do pai do aluno, que ao sugerir ao filho não criar confusão, acomete o erro de compactuar com uma injustiça.

Este depoimento traz de especial, a capacidade deste aluno em conviver em situações desagradáveis, sem tornar a público seu descontentamento. O silêncio é a pior atitude de uma vítima de bullying. Na maioria das vezes, as vítimas sofrem caladas enquanto os agressores atuam indiscriminavelmente.

Segundo Silva (2010), no caso dos tímidos, existe um agravante, uma vez que por terem número reduzido de amigos, se torna ainda mais difícil detectar o problema. Além do mais, por supervalorizarem seus pontos negativos, é comum os tímidos ocultarem as agressões para não se tornar “alvo” de discussões na família e na escola. O menino em questão diz não ter-se repetido esta situação na escola, porém as marcas deste momento jamais serão esquecidas por ele.

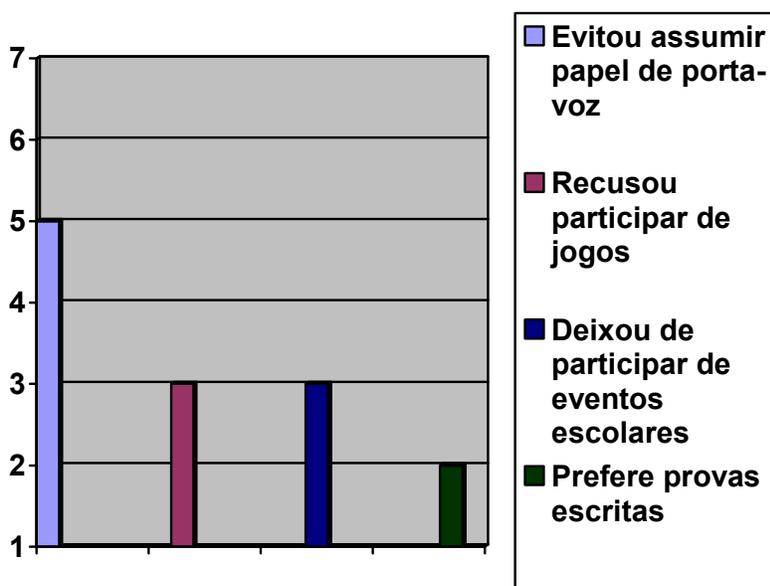
Crawford & Taylor (2000, p 11) afirmam que

“A timidez atrapalha a vida de muitas pessoas. (...) os tímidos muitas vezes não procuram ajuda por causa do medo ou do embaraço de expressar o que está errado e falar sobre seus problemas. Assim, a timidez prende a pessoa na dor e no sofrimento emocional”.

Em concordância com o autor, a descrição do aluno nos mostra que optou por silenciar uma situação indesejada e injusta, para não se envolver em confusões e problemas.

Para analisar a ultima categoria encontrada na entrevista, opto por apresentar

um gráfico, estabelecendo neste os principais momentos onde a interação e o convívio social na escola se dificulta devido a timidez dos alunos.



O gráfico mostra que a situação menos desejável ou mais constrangedora para um aluno é a apresentação de trabalhos onde se faz necessário oralizar para a turma. Dos 9 entrevistados, 5 revelaram evitar o papel de porta-voz do grupo em apresentação de trabalhos.

Contudo, é necessário refletir que não é exclusivo do sujeito tímido se esquivar de situações de exposição social, muitas pessoas não se consideram tímidas, mas, em alguns casos, deixam para outros o lugar de maior exposição no grupo. Assim a descrição destes 5 alunos não o definem como tímidos, apenas como sujeitos que preferem não expor-se como porta-voz na sala de aula.

Na segunda situação descrita, houve um empate na quantidade de depoimentos. Os alunos se dividiram entre as aulas de Educação Física e a eventos promovidos pela escola como situações inibidoras. Com relação as aulas de Educação Física, o pior momento descrito pela turma é com relação aos jogos de vôlei e divisão dos times. Nestas declarações alguns alunos relataram o constrangimento vivido por quem não aprendeu a jogar um determinado jogo e elegeram a prática como fator decisivo para a aprendizagem.

Com relação a eventos promovidos pela escola, o desfile cívico e apresentação de teatros foram os mais lembrados pela turma. Os depoimentos

mostraram que o que faz estes momentos se tornarem inibidores é o fato de familiares e conhecidos estarem na platéia e sentirem vergonha de possíveis erros.

Na ultima situação, observa-se que rubor por expor-se em público supera a ansiedade por realizar uma prova escrita. Dois alunos declararam preferir provas escritas a apresentar trabalhos oralmente para turma.

## 4 CAPÍTULO IV

Neste capítulo, faço uma pequena reflexão quanto ao papel da escola na viabilização de momentos onde o aluno tímido possa participar das atividades escolares com naturalidade e consiga assim experimentar de sua real capacidade de interagir e intervir neste ambiente.

### 4.1 Como a escola pode colaborar para a sociabilidade dos alunos tímidos?

Com base no referencial teórico que me sustentou durante este trabalho, a autoestima constitui-se como fator decisivo para que qualquer aluno e especialmente o aluno tímido, se considere capaz e com qualidades para desempenhar uma determinada função.

Cury (2001) enfatiza que os alunos tímidos precisam solidificar sua autoestima para que consigam ser felizes. Já diziam Crawford & Taylor (2000, p 18), “Pessoas confiantes, com alto nível de auto-estima, são capazes de perseguir seus sonhos e objetivos”. E, os sentimentos de capacidade e autoconfiança somente serão construídos se o indivíduo experimentar de momentos de desafio onde poderá conhecer suas reais potencialidades.

A escola é o instrumento ideal para se trabalhar a autoconfiança, porém existe a necessidade da realização de um trabalho direcionado para esse fim, ou seja, os educadores e as instituições precisam conhecer o que é timidez, dos males que causam e de que forma podem colaborar com estes alunos na superação das suas dificuldades.

Pacheco (1996) afirma que os Currículos precisam atentar-se para à “valorização da individualidade do sujeito e da sua cognição, das atitudes e valores, ao respeito pelas diferenças individuais e à procura de um desenvolvimento global e contínuo.”

Mas como ajudar este aluno? Se é por opção própria que ele não interage?

Realmente, o aluno tímido prefere “ficar na dele”, isolado, mas esta postura, por mais que o tranquilize no momento, não o deixa feliz. Existe um sofrimento por parte do indivíduo que observa a todos os colegas participando ativamente de algo

enquanto ele está “impossibilitado” de participar. Como aponta Almeida (2004, p.16): “... ninguém gosta de se sentir angustiado, amedrontado ou mesmo inseguro, e nesse sentido, os outros podem tornar-se reforçadores pelo fato de reduzirem, com sua presença, tais estados internos”. Seguindo este pensamento vimos o aluno tímido isolado do contato social e carente desta interação para o seu próprio desenvolvimento.

A escola contemporânea, em linhas gerais, vem ao longo dos anos se adequando a uma exigência social onde o aluno é tido como sujeito de sua própria aprendizagem. E, desta forma vem depositando no aprendiz a autonomia suficiente para buscar pelo seu entedimento, perguntando, pesquisando, duvidando dos assuntos que lhe são colocados.

Pacheco (1996) comenta que o Aprender a aprender é o objetivo mais ambicioso e ao mesmo tempo irrenunciável da educação escolar – equivale a ser capaz de realizar aprendizagens significativas por si mesmo numa ampla gama de situações e de circunstâncias.

A primeira questão que me parece óbvia então, é que proporcionar momentos em sala de aula, onde todos os alunos devam expor-se, como é o caso de apresentação individual de trabalhos, acaba por inibir ainda mais os alunos tímidos. Contudo, não oferecer oportunidades de esta pessoa experimentar de situações de exposição social, colaboraria para a manutenção do pensamento negativo com respeito as suas potencialidades.

O fato de a timidez implicar um elevado desgaste emocional para os alunos deve levar-nos a procurar formas de a minimizarmos. Uma das estratégias que poderá ajudar a criança a vencer a timidez é tentar criar, no contexto escolar, espaços onde ela possa falar relaxadamente, aproveitando todas as oportunidades para se reforçar positivamente o seu comportamento.

É importante sabermos que o aluno tímido necessita de estímulo e que não pode, de forma alguma, ser ignorado ou esquecido na sala de aula, como se esta atitude fosse sinônimo de respeito para com ele. É equívoco pensar que é melhor para o aluno tímido ficar isolado, ou não ser incitado para evitar constrangimentos. O aluno tímido é dependente de oportunidades de interação para que possa, gradualmente, superar suas dificuldades de exposição através da auto-confiança

adquirida.

Desta forma, fazer elogios poderá ser um ótimo início para tornar este aluno mais confiante. Oferecer a ele tarefas secundárias (apagar o quadro, distribuir materiais, etc.) poderá aproximá-lo de situações mais interativas na escola. Propiciar dinâmicas agradáveis e coerentes a sua personalidade como dramatizações, trabalhos colaborativos, dentre outros podem fazer com que o aluno tímido vá adquirindo confiança nele mesmo levando-o a realizações maravilhosas.

Neste sentido, o olhar sensível do professor em conhecer seus alunos tímidos, em buscar aquilo que ele gosta ou se identifica, em conhecer seus interesses, é fundamental para que ele consiga desenvolver-se e superar suas dificuldades.

## 5 CONCLUSÃO

### Timidez

Basta-me um pequeno gesto,  
feito de longe e de leve,  
para que venhas comigo  
e eu para sempre te leve. . .

— mas só esse eu não farei.

Uma palavra caída  
das montanhas dos instantes  
desmancha todos os mares  
e une as terras mais distantes..

— palavra que não direi.

Para que tu me adivinhes,  
entre os ventos taciturnos,  
apago meus pensamentos,  
ponho vestidos noturnos,

— que amargamente inventei.

E, enquanto não me descobres,  
os mundos vão navegando  
nos ares certos do tempo,  
até não se sabe quando...

— e um dia me acabarei.

*Cecília Meireles, in 'Viagem'*

Ao realizar este trabalho, pude refletir sobre o significado do termo “Timidez” bem como este tipo de personalidade influi no comportamento das pessoas, especialmente nos educandos, em sala de aula.

Com base no estudo bibliográfico, pude perceber que o termo ‘timidez’, inicialmente, é pensado por alguns autores como uma doença, ou seja, como “um mal que precisa ser tratado e combatido” (MACIEL E ZUSE, 2001, pg.111). Outros, porém, o compreendem como um tipo de personalidade mais introvertido, sem vínculo a qualquer patologia (CARL JUNG, 1991). Contudo, existe um consenso

sobre o comportamento pouco participativo do aluno tímido em sala de aula.

Neste trabalho, busquei, através da pesquisa de campo, perceber e refletir sobre como se dá a aprendizagem de um aluno que, é “impedido” pela sua timidez de perguntar, duvidar, discutir, dialogar, externizar pensamentos, impor ideias, enfim, posturas cada vez mais buscadas pela escola contemporânea e tidas como sinônimo de aprendizagem significativa por muitos autores.

Contudo, não tive a intenção de esgotar o assunto nem a pretensão de acreditar que terei em Vygotsky e Jung todas as respostas para esta problemática. Tenho consciência de que a timidez na escola pode ser analisada sob diferentes enfoques, pois esse fenômeno envolve uma multicausalidade e uma circularidade de processos (OSÓRIO,1999). Logo, as conclusões aqui apresentadas se referem a uma análise sobre os estudos destes autores e a uma pequena mostra vinda de depoimentos de uma turma de 8ª série.

Os estudos de Lev Vygotsky (1896-1934) postulam uma dialética das interações com o outro e com o meio, como desencadeador do desenvolvimento sócio-cognitivo. Na visão de Vygotsky (1998), a interação e a linguagem têm um papel importante na aprendizagem, uma vez que irão contribuir no desenvolvimento dos processos psicológicos, através da ação, sendo que essa ação pode ser física ou mental.

Felder e Silverman (1988), reforçando as palavras de Jung (1991), classificam os introvertidos e os extrovertidos a dois tipos distintos de aprendizes – Ativos e reflexivos, onde é possível compreender o aprendiz reflexivo, como aquele que prefere refletir sobre as informações que se são dadas, observando e analisando o que os outros fazem e que tende a gostar mais de trabalhar sozinho.

Deste modo, com base no referencial vygotskyano e nos estudos de Jung (1991) e Felder e Silverman (1988) se faz possível afirmar que o aluno tímido, mesmo mentalmente, está agindo sobre o objeto de estudo, por tanto ele não é passivo. Por isso a sua opção por não participar e/ou não manipular instrumentos práticos durante as aulas, não acarreta em desvantagem na sua aprendizagem, uma vez que seu desempenho estará sendo exercido e executado na sua totalidade, mentalmente através da reflexão.

A ideia de que o aluno tímido possui a capacidade de assimilar

conhecimentos observando, ouvindo, refletindo, foi confirmada no decorrer da pesquisa, ao constatar que os alunos entrevistados, denominados como tímidos, eram possuidores das melhores notas da turma em questão, com exceção da disciplina da Educação Física, onde a ação física é determinante da aprendizagem. Tais aulas pouco possibilitam os alunos tímidos oportunidades efetivas de participação, talvez por temerem não alcançar as expectativas do professor ou do grupo, por se sentirem oprimidos pela situação posta pela competição, ou ainda pelo receio de se tornarem vítimas de críticas e discriminação.

A partir da análise dos diários de campo, foram levantadas categorias com relação ao comportamento dos alunos em diversos momentos e situações de sala de aula. Analisando tais categorias, com base nos estudos bibliográficos realizados e refletindo sobre os comportamentos e modos de interações dos alunos entrevistados, pude perceber que os alunos tímidos, se sentem envergonhados em pedir mais esclarecimentos aos professores e optam por solucionar suas dúvidas com colegas posteriormente a aula.

Com relação a momentos onde a timidez mostra-se mais intensa na escola, constatei que a apresentação de trabalhos é o momento crucial para alguns alunos. A partir dos depoimentos, pude constatar que o sentimento de timidez na apresentação de trabalhos, deve-se, principalmente, ao medo de ser ridicularizado pelos colegas.

Quanto a questão da autonomia para oralizar uma resposta a pergunta feita pelo professor, pude perceber que alguns alunos, devido a sua timidez, acabam por não socializarem seus conhecimentos e ideias. O que leva a certo isolamento diante do grupo.

Com relação a sensibilidade e vulnerabilidade dos alunos frente a momentos de pressão e injustiça, observei que existe um sentimento de tensão em momentos de possível rejeição, o que torna o aluno tímido um indivíduo de poucos amigos, normalmente direcionando esta confiança a parentes ou vizinhos de longa data. Também observei o sentimento de impotência que estes sofrem frente a momentos de injustiça, fazendo com que estes muitas vezes aceitem ser injustiçados para não criar conflitos ou não se envolver em confusões.

Na ultima categoria analisada, pude perceber que a timidez é causa direta

para que um aluno: evite assumir-se como “porta-voz” em trabalhos de grupo, se recuse participar de jogos nas aulas de Educação Física, deixe de participar em eventos promovidos pela escola, bem como prefira realizar provas escritas ao ter de apresentar trabalhos para a turma.

Ao final deste trabalho de pesquisa, penso que, cada vez mais, se faz necessário que os professores reflitam sobre seus alunos e as características pessoais que possuem, suas habilidades e limitações, a fim de adequarem suas práticas e seus métodos avaliativos a cada um deles, especialmente aos alunos tímidos, sujeitos deste trabalho.

Como já salientado, a timidez é um comportamento que compõe a personalidade humana e, como aponta Martins (2005) a personalidade do sujeito tímido, da mesma forma que construída, poderá ser “desconstruída”, transformada a partir das relações sociais e, mais uma vez afirma-se que a escola pode ser fundamental na consecução desse processo.

Assim, penso que a escola e o trabalho educativo dos professores, podem contribuir de maneira significativa para que o aluno tímido experimente de suas reais capacidades e se sinta cada vez mais seguro para atuar no seu meio, superando as dificuldades e desenvolvendo-se como sujeito ativo, consciente e participativo.

Eis um tema antigo, cuja preocupação se faz presente até os dias atuais: a concepção de que é importante o professor identificar as diferenças individuais dos alunos e diversificar os objetivos e tratamentos educativos em função das características dos mesmos.

## REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Shirley de. **Timidez**. [On-line]. Disponível no site <http://drashirleydecampos.com.br/noticias/17206> . Acesso dia 03/09/2010
- CURY, Augusto Jorge. **Treinando a Emoção para Ser Feliz**. São Paulo: Academia de inteligência, 2001.
- JUNG, C.G. **Tipos Psicológicos**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1991.
- JUNG, C.G. **O Pensamento Vivo de Jung**. Coleção Pensamento, Editores Ltda, 1986.
- LIMA, Lucia de Fátima Alves Correia. Maria das Graças Teles Martins. **DA TIMIDEZ À ANSIEDADE SOCIAL: Um estudo Cognitivo-Comportamental**. TCC de Pedagogia. João Pessoa (Pb) 2005
- MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo**. Idéias, São Paulo, n. 28, pp.111-122
- PACHECO, José Augusto. **Currículo: Teoria e Práxis**. Portugal: Porto, 1996
- SANTOS, Cláudio Maciel dos. Adélia Juracy Zuse. **Timidez um mal que atua em silêncio**. Série: Ciências Sociais e Humanas, Santa Maria, V.2, n.1, p.111-123, 2001.
- SCHOTT, Bárbara e BIRKER, Klaus. **Como superar a timidez**. São Paulo: Cultrix, 1995. Tradução de Rodolpho Eduardo Krestan
- SCHUBERT, René. **A timidez sob o olhar da Psicologia**. Reportagem sobre timidez publicada no Uol Ciência e Saúde. Novembro de 2009.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes perigosas nas escolas**. Ed. Fontamar, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Socorro! Só tenho cinco minutos** [On-line]. Disponível no site <http://www.institutomvc.com.br>. 2003, abril. Acesso dia 10/09/2010
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998
- TREVELIN, Ana Teresa Colenci. Renato Vairo Belhot. **A relação professor-aluno estudada sob a ótica dos estilos de aprendizagem: um estudo de caso**.

Fortaleza, CE, Brasil, Outubro de 2006.

\_\_\_\_\_. **Uma visão sócio-histórica da interação dentro de ambientes computacionais** [On-line]. Disponível no site

<http://lsm.dei.uc.pt/ribie/docfiles/txt200372911757Uma%20vis%C3%A3o%20s%C3%B3cio-hist%C3%B3rica.pdf>. Acesso dia 10/09/2010

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 1987.

## 7 APÊNDICES

### 7.1) Apêndice 1

Roteiro das entrevistas:

- Vocês se consideram tímidos?
- O que é timidez? Como ela se manifesta? Quais são as principais características de uma pessoa tímida?
- Em quais momentos em sala de aula esta sensação de retraimento se faz mais intensa?
- Já deixaram de participar de algo devido à timidez? Descrevam situações reais.
- Como você reage quando se sente injustiçado?
- O aluno que opta por não participar “aprende” como os outros que participam ativamente? O que pensam sobre isso?
- De que forma a escola poderia colaborar para a promoção de momentos menos “invasivos” aos tímidos?

## 7.2) Apêndice 2

Termo de consentimento Informado

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório “A TIMIDEZ NO CONTEXTO ESCOLAR” o estudo, que culminará na elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pretende discutir em que medida a timidez interfere na aprendizagem das pessoas, bem como de que forma a escola pode colaborar para a sociabilidade dos alunos tímidos. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. Os pesquisadores responsáveis pela pesquisa são a Professora Dra. Dóris Almeida Bittencourt, do Programa de Graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientadora, e a graduanda Gislaine Cardoso Aguiar, do referido Programa de Graduação. Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 9651-3713.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu

\_\_\_\_\_, Identidade n.º \_\_\_\_\_ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia, intitulado provisoriamente “A TIMIDEZ NO CONTEXTO ESCOLAR”, desenvolvida pela graduanda Gislaine Cardoso Aguiar, sob a orientação da Profa. Dra. Dóris Almeida Bittencourt, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Programa de Graduação em Pedagogia da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração.

\_\_\_\_\_  
Graduanda Gislaine Cardoso Aguiar

Três Cachoeiras, 23 de setembro de 2010